

## **AUTOPERCEPÇÃO RACIAL: EVIDENCIANDO A IDENTIDADE BRANCA BRASILEIRA**

Daniara Thomaz Fernandes Martins (PIC/UEM), Hilton Costa (Orientador), e-mail: daniaratfm@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

### **Antropologia, Sociologia das Relações Étnico-Raciais.**

**Palavras-chave:** branquitude, racismo, relações étnico-raciais, identidade racial.

#### **Resumo:**

Considerando o conceito de branquitude como o conjunto de benefícios simbólicos e materiais atribuídos à população branca, este projeto buscou compreender os modos pelos quais jovens brancos e universitários localizados na cidade de Maringá-PR, se percebem em termos raciais e quais os efeitos deste conjunto de benefícios em sua formação enquanto sujeitos e atores sociais. Tendo em vista a mínima discussão e visualização acerca do local ocupado pelo sujeito branco dentro das relações raciais e das produções científicas que abordam esta, o presente trabalho ocupou-se em traçar a posição social atribuída aos indivíduos brancos diante as relações assimétricas de poder entre a população branca e negra. Neste sentido, fez-se necessário uma revisão bibliográfica sobre o material já produzido dentro do circuito acadêmico sobre o tema para, em cima deste respaldo teórico, elaborarmos e aplicar o questionário entre turmas do curso de Direito e Psicologia da Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM).

#### **Introdução**

A não-localização do branco dentro do campo das relações e interações raciais deu início a um processo de apagamento da história colonial e escravagista brasileira, cuja memória é totalmente distorcida no que diz respeito à participação dos sujeitos brancos no sistema de escravização e subalternização da população negra. Desta forma, ao encararmos nosso passado escravista nos deparamos com uma forte tendência de amenização da participação do branco enquanto senhor de

escravos, ao mesmo tempo em que verificamos um forte movimento de ancoragem dos indivíduos negros na posição de escravizados. Este fenômeno em longo prazo produziu certo modo de lidarmos com as relações raciais no Brasil que tende sempre a colocar o branco como elemento neutro e sem quaisquer influências no jogo das discriminações raciais. Neste sentido, Maria Aparecida Silva Bento (2002) argumenta que o silêncio acerca do legado da escravidão para o branco se tornou um mecanismo de manutenção dos privilégios conferidos a esta parcela da população que tende a recusar-se a adentrar o debate sobre as questões raciais, tendo em vista o apagamento histórico da atuação do branco enquanto algoz e maior beneficiário do sistema escravagista.

É em meio este contexto de invisibilização e silenciamento histórico sobre o papel do branco dentro das relações raciais brasileiras que buscamos compreender os modos pelos quais jovens brancos e universitários de cursos majoritariamente brancos da Universidade Estadual de Maringá se percebem em termos raciais. Para tanto, fez-se necessário a delimitação do campo com base não somente em dados que apresentassem o número de estudantes segundo a cor/raça, mas também a concepção compartilhada internamente sobre os cursos escolhidos para a pesquisa.

## **Materiais e métodos**

Nos primeiros meses de projeto, o foco esteve totalmente voltado para a leitura de obras, artigos, monografias, trabalhos de conclusão de curso, etc. que apresentassem a branquitude como campo e tema de discussão. Neste processo inicial não houve um recorte preciso das áreas de estudo, o que aderiu a este trabalho, até certo ponto, um caráter interdisciplinar, por alicerçar-se em outras áreas além das Ciências Sociais, sobretudo a Psicologia Social.

Buscamos, a partir da leitura realizada, construir um questionário que considerasse os aspectos subjetivos e objetivos de sujeitos brancos sobre sua identidade racial. Neste sentido, o questionário aplicado conteve questões abertas e fechadas, no objetivo de se obter respostas mais amplas dos/as entrevistados/as.

## **Resultados e Discussão**

Para a aplicação dos questionários finais, fora necessário o auxílio de pessoas brancas para evitarmos uma coleta obstruída dos dados, além disso, as pessoas escolhidas eram pessoas com certa proximidade dos participantes, isto é, eram pessoas que compartilhavam o mesmo ambiente por cursarem o mesmo curso ou até a mesma série. Fora aplicado um total de 30 questionários, sendo 15 para os graduandos de Psicologia e outros 15 para estudantes de Direito. Notamos, logo de início, que a participação de mulheres fora superior à dos homens, sobretudo no curso de Psicologia, fato que é justificado pela presença majoritária de mulheres neste último. As questões abertas permitiram uma análise mais completa acerca do que os entrevistados/as compreendiam sobre sua própria identidade racial.

As respostas obtidas por meio dos questionários demonstraram que pessoas brancas conseguem evidenciar sua raça na medida em que pessoas negras se colocam racialmente, apontando as desigualdades existentes nas relações raciais. Esta análise nos leva de encontro à colocação de Edith Piza que evidencia a relação entre branquitude e negritude, e, branquidade e negridade, isto é, na medida em que a população negra se posiciona positivamente, os sujeitos brancos conseguem produzir uma consciência crítica acerca da branquidade, produzindo o que seria, para Piza (2005) e Frankenberg (2004), a branquitude, ou, uma branquitude crítica (CARDOSO, 2014).

## Conclusões

As respostas obtidas nas questões abertas apontaram para uma contradição no discurso dos sujeitos brancos entrevistados, pois, por mais que os mesmos apresentassem consciência de seus benefícios sociais motivados pela raça, os mesmos descartaram as origens históricas destes benefícios ao não compreenderem seu local frente às relações raciais. Falta, na realidade, um vínculo entre a realidade material vivenciada por estes sujeitos e as circunstâncias históricas e sociais que propiciaram a existência desta realidade material. Tal vínculo somente será possível se sujeitos brancos conseguirem olhar para o passado de nosso país com uma perspectiva que considere o presente e vice-versa, isto é, para

compreendermos, de fato, a percepção, ou a não-percepção, racial que indivíduos brancos constituem sobre si mesmos, precisamos considerar todo o discurso ideológico que traçou a categoria humana a partir dos moldes da brancura.

## Agradecimentos

Agradeço aqueles que contribuíram com a realização deste trabalho se disponibilizando a responder o questionário. Agradeço, principalmente, ao meu amigo e orientador, Prof. Hilton Costa, ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-Brasileiros (NEIAB/UEM) e todos os integrantes por contribuírem com minha formação ética e profissional. À mamãe e papai, minha mais sincera gratidão.

## Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. Tese (Tese em Ciências Sociais) – UNESP. Araraquara, p. 290, 2014.

FRANKENBERG, Ruth. A mirage de uma branquitude não-marcada. In: WARE, Vron. (Org.) **Branquitude: identidade branca e multiculturalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 307-339.

PIZA, Edith. **Adolescência e racismo: uma breve reflexão**. An. 1 Simpósio Internacional do Adolescente. Maio, 2015. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082005000100022&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082005000100022&script=sci_arttext)

SILVA, Priscila Elisabete da. **O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo**. In: **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017, p. 19-31.